

Ministério de Minas e Energia
Assessoria de Comunicação Social – ASCOM

Destaque: (em negrito) Matérias que citam o Ministro Bento Albuquerque ou o MME:

Sumário

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo	2
Título: BNDES anuncia adesão de Gol, Azul e Latam a pacote de socorro a aéreas.....	2
Título: Analistas ficam otimistas com Petrobrás, mesmo com perda recorde	3
Título: Escolhas e oportunidades	5
Título: Governadores selam acordo com União para compensar R\$ 65,6 bi da Lei Kandir.....	7
VEÍCULO: O Globo.....	8
Título: Petrobras prevê 'recuperação lenta' devido à pandemia	8
Título: Gol, Azul e Latam aderem a socorro do BNDES.....	9
VEÍCULO: Correio Braziliense.....	12
Título: À espera do barril em US\$ 15	12

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo**Data: 16/05/2020****Seção: Economia****Autor: Vinicius Neder / RIO****Título: BNDES anuncia adesão de Gol, Azul e Latam a pacote de socorro a aéreas**

Valor total a ser repassado a um dos setores mais afetados pela crise gerada pela pandemia de covid-19 deve ficar entre R\$ 4 bilhões e R\$ 7 bilhões, com 60% de garantia do banco de fomento; grandes bancos e investidores privados também vão participar das operações

As três principais companhias aéreas do País – Gol, Latam e Azul – aderiram à proposta de socorro ao setor, um dos mais afetados pela crise gerada pela pandemia de coronavírus, informou ontem o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), que coordena as instituições financeiras que vão fazer um consórcio para a liberação do dinheiro. A Latam e a Gol afirmaram, porém, que ainda vão negociar condições do auxílio. A adesão das três empresas foi o pontapé inicial no pacote de apoio ao ramo de atividade mais afetado pela covid-19. O pacote, inicialmente estimado em R\$ 50 bilhões, poderá ficar abaixo de R\$ 20 bilhões. Isso porque a ajuda oficial deverá incluir ainda o setor elétrico, mas deve deixar de fora montadoras de automóveis e o varejo não alimentício, conforme mostrou reportagem do Estadão.

Ao anunciar a adesão das companhias aéreas, o presidente do BNDES, Gustavo Montezano, evitou citar valores e condições. Fontes ouvidas pela reportagem ao longo da semana, no entanto, estimaram que o pacote fique entre R\$ 4 bilhões e R\$ 7 bilhões. De acordo com o executivo, o pacote de socorro ao setor aéreo entra agora na “execução de mandatos”, como se chama, no jargão dos bancos de investimento, o trabalho de preparar operações financeiras e a busca de interessados em papéis que serão emitidos no mercado. O apoio deverá ser baseado em ofertas públicas de títulos de dívida (parte deles em bônus conversíveis em ações) e contempla a participação mínima de 30% de investidores privados, ao lado do BNDES (60%) e bancos privados (10%).

Apesar da desconfiança de alguns observadores em relação à demanda de investidores por esse tipo de títulos em meio à turbulência financeira, Montezano demonstrou confiança no sucesso das operações. “Temos confiança de que as operações são viáveis. Existe sim demanda”, afirmou Montezano. Outra condição é que cada companhia que recorra ao pacote tenha capital aberto na B3. Essa exigência lançou dúvidas sobre a participação da Latam, que está listada no Chile e teria de emitir ações aqui. Montezano garantiu, porém,

que houve adesão da companhia. Se o pacote ficar apenas com Gol e Azul, o valor poderá ficar mais próximo do piso de R\$ 4 bilhões.

Sem dar muitos detalhes sobre as regras da operação, o presidente do banco de fomento disse apenas que os pilares do pacote de apoio às companhias aéreas são que os recursos devem ser usados exclusivamente no Brasil, em gastos operacionais, proibindo o uso para pagar dívidas financeiras. Procurada, a Gol disse que a confirmação dada ao BNDES na quinta-feira “não representa a aceitação dos termos propostos (...), os quais serão objeto de discussões”. A Latam disse ter confirmado “interesse” na proposta do banco, mas que buscará “soluções que atendam e respeitem as características da companhia”. A Azul não comentou.

Outros setores. O desenho do socorro às distribuidoras de energia elétrica será definido no “curtíssimo prazo”, segundo o diretor de privatizações do BNDES, Leonardo Cabral. O valor deverá ficar em torno de R\$ 12 bilhões, abaixo dos R\$ 17 bilhões inicialmente projetados. Cabral evitou comentar valores, mas disse que a definição do pacote, que envolve crédito e é similar ao feito em 2015 para socorrer as distribuidoras durante o período de seca, depende de negociações que envolvem o **Ministério de Minas e Energia** e a Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel). O pacote para companhias aéreas servirá de modelo para o socorro ao setor de varejo, disse Montezano. Só que, até agora, nenhuma empresa do setor procurou o sindicato de bancos.

Outro setor incluído desde o início nos estudos do sindicato de bancos é o automotivo. O executivo confirmou que as conversas passaram a ser bilaterais, entre os bancos e cada empresa individualmente. O setor chegou a ser representado nas negociações pela Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), mas não houve avanço no desenho de um pacote comum, que passou a ser caso a caso. O presidente do BNDES disse que as montadoras devem ter “compromisso de ficar no Brasil” e o “aval das matrizes” para tomar o crédito. Segundo ele, a proposta de usar créditos tributários como garantia para empréstimos dependeria do Ministério da Economia.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Data: 16/05/2020

Seção: Colunas

Autor: Renato Carvalho

Título: Analistas ficam otimistas com Petrobrás, mesmo com perda recorde

Broadcast de olho nas ações

A Petrobrás teve prejuízo de quase R\$ 50 bilhões no primeiro trimestre – o maior já registrado na história por uma empresa aberta num período de três meses –, mas isso não afetou a visão otimista dos analistas sobre a petroleira. As perdas foram provocadas pela revisão no valor de ativos, por conta da pandemia de covid-19. Operacionalmente, porém, os números até março foram considerados melhores que o esperado, e a gestão é apontada como o maior trunfo para a estatal atravessar a crise. Para Enrico Cozzolino, analista de renda variável da Daycoval Investimentos, a Petrobrás sabe lidar com crises e tem agilidade para solucionar problemas.

A cotação do petróleo e a piora nas projeções para atividade econômica global são os principais desafios para a companhia, afirma ele. “Dito isso, a companhia segue seu plano de desinvestimento, priorizando seus ativos principais e operacionalmente fazendo o que ‘pode ser feito’ internamente”, diz Cozzolino. A petroleira, por exemplo, foi rápida para lidar com a queda da demanda chinesa no primeiro trimestre, de acordo com Ilan Arbetman, analista da Ativa Investimentos. “A diminuição da participação da China no mix (de destinos) mostra quão imprescindível é seu petróleo de baixo teor sulfúrico globalmente”, diz ele. “A companhia conseguiu maior diversificação de clientes, mitigando riscos.”

Ele diz ainda que a maioria dos ativos incluídos na revisão de avaliação foi de águas rasas e profundas. Somente um dos campos do pré-sal entrou na conta e reforça a mensagem de que eles são o principal objetivo da Petrobrás. Alvaro Bandeira, sócio e economista- chefe do banco digital Modalmais, também se diz confiante na “boa gestão atual da Petrobrás, sem interferências governamentais e que conseguirá sair mais forte depois da crise”. Por isso, o banco mantém a companhia como boa opção de investimento de médio e longo prazo, principalmente com a gradual reabertura de alguns países.

Para Sandra Peres, analista da Terra Investimentos, o cenário de crise deve fazer com que os resultados de 2020 fiquem abaixo do esperado pelo mercado inicialmente. “Entretanto, a empresa vem demonstrando agilidade em solucionar problemas e sua estratégia de manter o desinvestimento e a melhora na gestão de custos e despesas, continuarão favorecendo a empresa nos próximos resultados”, afirma. Para a próxima semana, o destaque nas carteiras recomendadas pelas corretoras é a Via Varejo. A rede entrou em quatro listas.

A Mirae, uma das que selecionaram a ação para a próxima semana, fala dos bons resultados operacionais apresentados pela companhia no primeiro trimestre, além da expectativa de que essa tendência continue no segundo, por conta das vendas via e-commerce. Além de Via Varejo ON, a Mirae incluiu também Banco do Brasil ON em sua carteira, retirando GPA ON e Minerva ON.

O Daycoval também inseriu Via Varejo ON no lugar de Vale ON. A MyCap foi outra a incluir Via Varejo ON e B3 ON, nos lugares de BR Distribuidora ON e Bradesco PN. Por fim, a Guide fez três mudanças, inserindo Via Varejo ON, Gerdau PN e JBS ON. A Ativa fez uma alteração, trocando Embraer ON por Camil ON. A XP também realizou uma troca, retirando GPA ON e incluindo Vivara ON.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Data: 16/05/2020

Seção: Opinião

Autor: Adriano Pires

Título: Escolhas e oportunidades

Tempos de pandemia, momentos de disrupção que leva à destruição criativa schumpeteriana, volta do crescimento, da renda, do emprego e de melhor qualidade de vida. Este seria o roteiro ideal, com que todos sonhamos. Será possível? Ninguém sabe. As perguntas mudaram e ainda não temos as novas respostas. Quando teremos? Ninguém sabe. Qual o novo patamar do preço do petróleo e como fica a transição energética? Ninguém sabe. Quando teremos a vacina para a covid-19? Ninguém sabe. Quando será a reabertura da economia no Brasil? Ninguém sabe.

Nós, economistas, cientistas políticos, jornalistas e toda a sociedade, estamos tentando encontrar respostas novas, como os cientistas que trabalham dia e noite tentando descobrir a vacina que combata a covid-19. Quem achar, neste momento, que tem as respostas ou soluções, ou está olhando pelo retrovisor ou é oportunista vendendo ilusões. Nestes momentos sombrios e com a economia dizimada, a principal virtude é a modéstia. O fato de não termos respostas não deve nos impedir de pensar onde erramos e procurar as saídas para o momento que estamos vivendo.

O mundo inteiro vai ter de se repensar. O desafio é saber a dimensão da mudança. Não é mais tempo de nos prendermos a dogmas e a crenças. A covid-19 não tem precedentes na humanidade, pela sua surpresa, sua violência e seu caráter universal. Atingiu 170 países e mais da metade da população mundial. Precisamos construir modelos com Estados competentes e eficientes que resgatem dívidas sociais, como a da saúde pública, e que forneçam infraestrutura adequada e de qualidade para as cidades que cada vez estão mais adensadas.

Esses desafios estão presentes no Brasil. Para dar início ao enfrentamento, é preciso combater um mal que aflige o País há décadas: os extremos. O nós contra eles. Temos de deixar de ser o país da torcida entre, por exemplo, o gigantismo estatal e o neoliberalismo, lockdown ou abertura total, e entender

que o dinheiro público não pode ser jogado do helicóptero o tempo todo. Isso só vai dificultar o retorno do crescimento dos menores do mundo, aprofundar a crise e aumentar os trabalhos informais. A crise vai demandar uma grande flexibilidade do trabalho, com o objetivo de recuperar de hoje até o fim de 2020 as horas perdidas durante a quarentena.

A escolha não é vida ou economia, e sim vida e economia. A recuperação da economia passa pela adoção de medidas estratégicas e reformistas. O governo e o Congresso precisam ser reformistas, propondo mudanças infralegais e nos marcos regulatórios. Temos de aproveitar a crise para fazer as reformas tributária, administrativa, aprovar o marco legal do saneamento, o fim do regime de partilha no petróleo, modernização do setor elétrico, uma nova lei do gás natural. Tudo isso mostrando que não existe conflito entre um programa de investimentos públicos e privados inteligentes. Temos uma oportunidade histórica, de quitar uma dívida social ao reduzir o gap de infraestrutura do Brasil.

Para isso, temos de criar ambiente amigável para investimentos em saneamento, infraestrutura logística, construção de habitações de baixa renda, infraestrutura de gás e energia, entre outros. É um momento único, em razão do custo de capital baixo e da necessidade de gerarmos renda e emprego. Também temos alto grau de ociosidade nas cadeias de fornecimento em setores como siderurgia, equipamentos e custo de energia (gás, petróleo e energia elétrica) menores. Não se trata de ressuscitar o mundo de ontem, mas de inventar um modelo brasileiro por meio de um grande debate de toda a sociedade.

Um modelo que assegure um equilíbrio entre o desenvolvimento, a solidariedade, os investimentos privados e o papel do Estado, reduzindo os custos de transação, o número de trabalhadores informais e melhorando as condições ambientais. A hora é de escolhas e oportunidades geradas pelo momento de disrupção que levará à destruição criativa. No livro Alice no País das Maravilhas, de Lewis Carroll, Alice, em certa encruzilhada do destino, pergunta ao sábio gato de Cheshire: Qual o melhor caminho? Ele responde: Depende de para onde você deseja ir. Escolha.

É DIRETOR DO CENTRO BRASILEIRO DE INFRAESTRUTURA (CBIE)

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo**Data: 16/05/2020****Seção: Economia****Autor: Amanda Pupo / BRASÍLIA****Título: Governadores selam acordo com União para compensar R\$ 65,6 bi da Lei Kandir**

Lei criada em 1996 – e que nunca foi regulamentada – prevê que governo federal compense os Estados pelo ICMS que deixa de ser arrecadado com a desoneração das exportações; maior parte da indenização, R\$ 58 bilhões, ainda depende de aprovação do Congresso

Após anos de impasse, governadores anunciaram ter entrado num acordo sobre as compensações pela União das perdas geradas pela Lei Kandir. Documento entregue ao Supremo Tribunal Federal (STF) pelos 27 chefes dos Executivos prevê o repasse de R\$ 65,6 bilhões, dos quais R\$ 58 bilhões seriam transferidos entre 2020 e 2037. Além disso, duas outras transferências estão previstas, de R\$ 3,6 bilhões e de R\$ 4 bilhões. A maior fatia, dos R\$ 58 bilhões, depende de aprovação do Congresso, explica o secretário de Fazenda do Pará, René Souza Junior.

O Legislativo pode cancelar esse repasse de diferentes formas, e uma delas é através da PEC do Pacto Federativo (PEC 188/2019), apresentada pelo governo federal no ano passado. Além de cancelar a PEC, o Congresso teria de aprovar em seguida uma lei para regulamentar a transferência. Se a proposta aprovada for a PEC 188, o bônus de R\$ 3,6 bilhões é liberado. Já os outros R\$ 4 bilhões previstos dependem dos leilões dos blocos de exploração de petróleo Atapu e Sépia, previstos para ocorrer no ano que vem.

Esses blocos não foram arrematados no leilão da cessão onerosa no ano passado e devem ser alvo de um novo pregão em 2021. Souza explicou também que, apesar de o acordo ter sido costurado com o governo federal, a Advocacia-Geral da União (AGU) precisa oficialmente manifestar sua concordância com o texto no STF. Depois disso, os termos devem ser homologados pela Suprema Corte, onde o processo que opôs Estados e União tramita desde 2013. A Lei Kandir, de 1996, prevê que a União compense os Estados pelo ICMS que deixa de ser arrecadado com a desoneração das exportações.

Por sua vez, a metodologia desse repasse nunca chegou a ser regulamentada, apesar de uma emenda constitucional de 2003 prever que isso deveria ocorrer. Em razão disso, há sete anos, governadores cobram no STF alguma resolução para o caso. Partiu da Corte, em 2016, a decisão que deu o prazo de um ano

para que o Legislativo aprovasse a metodologia do cálculo a ser usada. O período se encerrou sem que houvesse acordo em torno do projeto de lei.

A Advocacia-Geral da União pediu mais prazo e, em agosto do ano passado, Estados e União concordaram em criar uma comissão para discutir o tema. A ação é conduzida no STF pelo ministro Gilmar Mendes. Durante os anos de disputa, a União se amparou em parecer do Tribunal de Contas da União (TCU), que concluiu que o governo federal não teria mais a obrigação de fazer repasses bilionários aos Estados por conta da Lei Kandir.

A emenda constitucional de 2003 estabeleceu que, quando 80% do ICMS for arrecadado no Estado onde ocorrer o consumo, não haverá mais direito à compensação. A área técnica do governo defendia que isso já teria sido cumprido.

VEÍCULO: O Globo

Data: 16/05/2020

Seção: Economia

Autor: SÉRGIO MATSUURA

Título: Petrobras prevê 'recuperação lenta' devido à pandemia

Prejuízo recorde no primeiro trimestre ameaça dividendos a acionistas

Um dia após a Petrobras divulgar prejuízo recorde no primeiro trimestre do ano, o presidente da estatal, Roberto Castello Branco, afirmou ontem que a empresa trabalha com o cenário mais provável de “recuperação lenta e recessão profunda”. Contudo, destacou que a companhia tem resiliência para sobreviver com um barril de petróleo cotado a US\$ 15, bem abaixo das projeções traçadas para o longo prazo.

Segundo o executivo, além dos reflexos diretos da pandemia do novo coronavírus na demanda por combustíveis, a companhia terá que lidar, após a retomada das atividades econômicas, com um novo cenário, marcado por mudanças de hábitos das pessoas.

—Temos de considerar que esse período de quarentena contribuirá para mudanças de hábitos, como a utilização mais intensiva da digitalização em detrimento da mobilidade — afirmou Castello Branco, em entrevista coletiva. — Esse novo cenário nos fez rever a posição anterior e prever preços mais baixos.

A diretora executiva de Finanças e Relacionamento com Investidores, Andrea Marques de Almeida, informou que a estatal reduziu a projeção de preços para o barril de petróleo para o longo prazo, de US\$ 65 para US\$ 50.

META DE PRODUÇÃO MANTIDA

No primeiro trimestre do ano, a companhia registrou prejuízo de R\$ 48,523 bilhões, o pior resultado de sua história. E o tombo já ameaça o pagamento de dividendos aos acionistas.

— De fato, é difícil recuperar o impacto que a gente teve no primeiro trimestre —disse Andrea. —Se o cenário continuar semelhante ao que vivemos agora, provavelmente não teremos dividendos.

Mas a empresa já vê sinais de melhora na demanda por combustíveis no mercado interno. Segundo Anelise Lara, diretora executiva de Refino e Gás Natural, no início de abril a retração era na faixa de 50% para o diesel, 65% na gasolina e 90% para o querosene de aviação. No início de maio, a queda na demanda é de 30% para o diesel e está na faixa de 40% a 45% na gasolina.

Apesar do momento de incerteza, a companhia planeja manter o ritmo de produção de petróleo em patamares elevados, com a meta para o ano de 2,7 milhões de barris de óleo equivalente diários, afirmou Carlos Alberto Pereira de Oliveira, diretor executivo de Exploração e Produção.

Segundo o executivo, em abril a produção foi na faixa de 2,8 milhões de barris, nível que está sendo mantido no início de maio, apesar da hibernação dos campos de águas rasas.

— Fizemos a hibernação de 62 plataformas em campos de águas rasas. Essas plataformas produziam em torno de 1% do total —disse Oliveira.

O plano de desinvestimentos também está mantido. Segundo Castello Branco, não há qualquer sinal de desistência dos interessados na compra das oito refinarias postas à venda pela Petrobras. Sobre a participação na Gaspetro, a empresa aguarda o recebimento de propostas.

— Estamos confiantes de que, até o fim do ano, alguns acordos de compra e venda serão fechados, ficando a conclusão da transação para 2021 —afirmou Castello Branco. — Ainda este ano eu creio que teremos boas notícias para dar.

VEÍCULO: O Globo**Data: 16/05/2020****Seção: Economia****Autor: JANAINA LAGE, BRUNO ROSA E GABRIEL MARTINS****Título: Gol, Azul e Latam aderem a socorro do BNDES**

Banco mantém conversas com montadoras e prepara ação para setor elétrico. No 1º tri, instituição tem lucro de R\$ 5,5 bi, puxado pela venda de ações, como as da Petrobras. Na crise, 19 mil empresas pedem para suspender pagamento de crédito

As três maiores companhias aéreas do país —Gol, Latam e Azul —aderiram ao socorro do BNDES ao setor, informou ontem o presidente do banco, Gustavo Montezano. Segundo fontes, o valor do programa ficou em R\$ 6 bilhões, abaixo da previsão inicial das empresas, de R\$ 10 bilhões. Nos cálculos de quem acompanha a operação, o montante seria suficiente para dar fôlego às aéreas até o primeiro trimestre de 2021. A expectativa do setor, porém, após queda de 90% no fluxo de passageiros durante a pandemia, era de um reforço mais robusto.

A operação foi feita em conjunto com um grupo de bancos — Itaú, Bradesco, Santander e Banco do Brasil —e ofereceu R\$ 2 bilhões a cada empresa. As companhias tiveram de cumprir uma série de exigências: os recursos devem ser usados em operações no Brasil, não podem ser empregados no pagamento de credores financeiros, como detentores de títulos ou arrendadores de aeronaves, e as condições oferecidas deveriam ser as mesmas a todas as empresas.

—Conseguimos colocar de pé operação com essas condições. Quem vai dizer a condição final com que a empresa acessará o recurso é o mercado —disse Montezano.

Para cada empresa, o BNDES vai participar com 60% do crédito, seguido do grupo de bancos privados, com 10% do valor total. Os 30% restantes serão captados no mercado, e poderão participar gestores de fundos, bancos médios e estrangeiros. Montezano defendeu que, apesar da turbulência, haveria demanda para esse tipo de operação.

CARTEIRA DE AÇÕES ENCOLHE

Do valor oferecido a cada empresa, 75% seriam via debêntures (títulos de dívida) com taxa de juros prefixada. Os 25% restantes poderão ser convertidos em ações das companhias.

O socorro chega em um momento delicado para as empresas. A Azul divulgou, nesta semana, prejuízo de R\$ 6,14 bilhões no primeiro trimestre. A Gol teve perdas de R\$ 2,2 bilhões. No mercado de ações, os papéis da Azul encerraram com baixa de 8,14%. As ações da Gol subiram 8,64%.

— O plano ainda pode mudar (pois depende da demanda do mercado), mas a ajuda é importante. Dá fôlego para quem já não aguentava mais — disse Marcio Loréga, analista da Ativa Investimentos.

O banco também trabalha com ações voltadas para outras atividades afetadas pela pandemia. O BNDES também tem mantido conversas individuais com montadoras. Foi enviado um comunicado às empresas para verificar o interesse em uma operação orquestrada por meio de um sindicato de bancos. O empréstimo precisa ter o aval da matriz e o compromisso de permanecer no Brasil.

Um socorro ao setor elétrico, que também está no radar do banco, depende ainda da edição de um decreto do Poder Executivo e de uma resolução da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel).

De janeiro a março, o BNDES lucrou R\$ 5,5 bilhões, em um resultado puxado pela venda de ações de sua carteira, principalmente os papéis da Petrobras, cuja oferta pública em fevereiro foi a maior no país desde 2010.

O banco pondera, porém, que os ganhos com ações foram atenuados pela provisão para risco de não pagamento de R\$ 1,7 bilhão, após a revisão das classificações de empresas dos setores mais afetados pela pandemia.

Com a venda de ações e a desvalorização dos papéis, a carteira de participações do banco caiu quase à metade e soma R\$ 59,2 bilhões. Montezano reiterou a meta de se desfazer dos papéis e alertou que carregar um volume tão grande de ações num cenário de turbulência poderia afetar a capacidade do BNDES de atuar de forma anticíclica para mitigar os efeitos da crise.

— Quando você tem um mercado mais volátil, é menos trivial executar a venda de ações, encontrar o preço adequado, o timing de execução adequado. A gente gostaria de ter uma exposição menor (ao mercado de ações), ter mais posição de liquidez em caixa —disse Montezano.

CAPITAL DE GIRO

O banco anunciou ontem um balanço de suas ações contra a crise. Em menos de dois meses, 19 mil empresas pediram para suspender o pagamento de empréstimos que somam R\$ 8,7 bilhões. O BNDES lançou uma linha de capital de giro para pequenas e médias empresas, orçada em R\$ 5 bilhões, que já alcançou R\$ 2,3 bilhões em aprovações. A expectativa é que a demanda ultrapasse o teto disponível, mas, segundo Montezano, não faltarão recursos.

Para mitigar o temor dos agentes financeiros em assumir risco durante a crise, o banco está concluindo a formatação de um fundo de garantia ao crédito emergencial.

A lista de ações inclui ainda o crédito para folha de pagamento de pequenas e médias empresas, mas a linha, que deve ser reformulada pelo governo, deve

alcançar no máximo 25% do total disponível, de R\$ 40 bilhões.

VEÍCULO: Correio Braziliense

Data: 16/05/2020

Seção: Economia

Autor: Simone Kafruni

Título: À espera do barril em US\$ 15

A Petrobras está preparada para um barril de petróleo a US\$ 15. A garantia foi dada ontem pelo presidente da empresa, Roberto Castello Branco, ao explicar o prejuízo recorde de R\$ 48,5 bilhões, no primeiro trimestre do ano. As perdas da petroleira são o maior prejuízo nominal já registrado por uma empresa de capital aberto em qualquer trimestre historicamente, segundo a Economatica, consultoria de informações financeiras. O motivo do rombo foi um ajuste de ativos às quedas no preço do barril de petróleo e na demanda em função da crise do novo coronavírus. O chamado impairment teve impacto no resultado financeiro de R\$ 65,3 bilhões.

Em videoconferência com investidores, a diretoria ressaltou que ajustou a projeção feita em 2019, de US\$ 65 por barril. Agora, as estimativas são barril a US\$ 25 em 2020, a US\$ 30, em 2021, subindo US\$ 5 por ano até atingir US\$ 50 no longo prazo (2025). “O impairment significou uma grande baixa de ativos de exploração e produção em águas rasas e profundas, e um único ativo do pré-sal, o campo Berbigão Sururu, que não seriam resilientes ao baixo do preço do petróleo”, justificou Castello Branco.

A diretora da Área Financeira e de Relacionamento com Investidores, Andrea Marques de Almeida, explicou que a estatal adequou seu perfil de endividamento para garantir a sobrevivência neste cenário adverso. “Conseguimos reduzir o custo de captação, hoje em 5,6% ao ano, com prazo médio de 9,74 anos”, ressaltou. A contratação com novas linhas foi de US\$ 1,7 bilhão e a rolagem de dívidas, de US\$ 500 milhões. Os investimentos foram reduzidos de US\$ 12 bilhões para US\$ 8,5 bilhões em 2020 e os gastos, em US\$ 2 bilhões. “Com isso, poderemos ter resiliência com US\$ 24 por barril. Mas estamos preparados para até US\$ 15”, observou.

Custo menor

Carlos Alberto Pereira de Oliveira, diretor executivo de Exploração e Produção, disse que a Petrobras conseguiu reduzir o custo de exploração de petróleo em 28%. “Nas águas profundas, está abaixo de US\$ 6”, disse. No primeiro trimestre de 2020, esse custo é de US\$ 5,9 ante US\$ 8,5 no primeiro trimestre de 2019 e

US\$ 6,6 no quarto trimestre de 2019. “Tivemos crescimento de 47% na produção do pré-sal em relação ao mesmo período do ano passado e de 1% sobre o trimestre anterior”, assinalou. A produção comercial subiu 13% e caiu 5%, nas respectivas comparações.

Segundo Oliveira, o campo de Búzios, no pré-sal, tem excelentes resultados. “Era responsável por 9% da produção da companhia e hoje é por 31%, com recorde de produção em 10 de março, quando produziu 640 mil barris de óleo por dia (bpd) e 790 mil barris equivalentes (boed). A produção de petróleo não foi impactada no primeiro trimestre, mas tivemos queda em abril”, afirmou.

Anelise Lara, diretora de Refino e Gás Natural, destacou que a retração no mercado interno no início de abril foi muito grande, mas, em maio, a redução na demanda por gasolina e diesel está menor. “Em abril, a retração na demanda por diesel foi de 50%, da gasolina de 65% e do querosene de aviação (QAV), de 90%”, disse. “Em maio, com maior consumo, a redução na demanda por diesel caiu para 30% e a da gasolina para algo entre 40% e 45%”, comparou. Anelise destacou que apenas o QAV continua com a demanda 90% menor.

Medidas

Castello Branco apresentou as medidas de enfrentamento à covid-19 implementadas pela Petrobras. “Nossas prioridades são preservar a saúde dos nossos funcionários e a liquidez da empresa. Fizemos testagem total em 25% dos empregados. Apenas 10% estão nos escritórios e 50% nas equipes de operações”, afirmou. “Criamos um comitê de liquidez e outro de negociação de contratos, a fim de preparar a companhia para sobreviver no contexto de crise”, ressaltou.

Segundo o presidente da empresa, 62 plataformas que representavam “sangria de caixa” foram hibernadas. “Nosso programa de desinvestimento permanece intacto. E a experiência de home office nos permitiu ver que é possível trabalhar apenas com 50% do efetivo dos escritórios. Isso trará mais redução de custos. Gastamos R\$ 35 milhões apenas em manutenção”, assinalou.

“Conseguimos reduzir o custo de captação, hoje em 5,6% ao ano, com prazo médio de 9,74 anos. Com isso poderemos ter resiliência com US\$ 24 por barril. Mas estamos preparados para até US\$ 15”

Andrea Marques de Almeida, diretora da Área Financeira e de Relacionamento com Investidores

Retorno do setor será lento

A Petrobras não espera uma forte recuperação do setor de petróleo e gás no curto prazo. O presidente da estatal, Roberto Castello Branco, elencou vários motivos para essa projeção, mas garantiu que a companhia está se preparando para operar e gerar valor neste cenário. “A recuperação será lenta pelo desemprego em massa no mundo, aumento rápido da alavancagem financeira (endividamento) de famílias, empresas e governo e a incerteza sobre o novo coronavírus, que só desaparecerá com uma vacina”, enumerou.

Castello Branco ressaltou que não se pode descartar a probabilidade de uma segunda onda de contaminação da covid-19, a exemplo do que ocorreu durante o surto de gripe espanhola, no início do século passado. “Isso limita a atividade econômica. Ainda temos que considerar que a quarentena está provocando uma mudança de hábitos, com utilização mais intensiva da digitalização em detrimento da mobilidade, menos viagens, menos áreas de escritórios”, complementou.

O novo quadro, aliado à tendência de estímulos às inovações para substituição de combustíveis fósseis, fez a empresa rever sua posição anterior e prever preços mais baixos. “Queremos gerar mais valor, acreditamos nos ativos de classe mundial e seremos capazes de gerar”, disse. A preparação da companhia passa pelas medidas adotadas na área financeira. “Nosso foco é cuidar da saúde dos nossos colaboradores e da liquidez da empresa. Temos US\$ 15,7 bilhões em caixa, reduzimos investimentos em US\$ 3,5 bilhões e cortamos custos em US\$ 2 bilhões”, explicou. “Nenhum plano estratégico mudou”, reiterou Castello Branco.

Refinarias

O executivo garantiu que a venda das refinarias continua de pé. “Nenhum interessado disse que vai desistir, estamos confiantes de que, pelo menos até o fim do ano, alguns acordos de compra e venda sejam fechados, com a conclusão dos negócios em 2021. Ainda este ano, teremos boas notícias”, assinalou.

Segundo o presidente da estatal, não houve nem haverá demissões em massa na empresa. “E continuaremos com a paridade internacional de preços nos combustíveis. Estamos de pé. Trabalhando ativamente para resiliência da Petrobras e uma recuperação saudável”, concluiu. (SK)

R\$ 15,7

bilhões

é quanto a Petrobras tem em caixa para atravessar o atual momento de paralisação da economia

MME / ASCOM .